

## OS DESAFIOS DO TRABALHO ESCOLAR DE INCLUSÃO EDUCACIONAL

Autor (1); Beatriz Freire Guimarães (2) José do Egito Negreiros Pereira.

(1) Acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba; [biafreireguimaraes@gmail.com](mailto:biafreireguimaraes@gmail.com)

(2) Professor da Universidade Estadual da Paraíba; [egito78@hotmail.com](mailto:egito78@hotmail.com)

Por muito tempo, diante da História foi desenvolvido métodos diferentes de se lidar com as pessoas que possuem deficiências. Na Pré-História, segundo Otto Marques Silva, muitas tribos não aceitavam as crianças que nasciam com deficiências, o motivo do extermínio se dava na grande maioria por medo e por desconhecer as causas da deficiência ou por acreditarem que o corpo de um deficiente físico trazia consigo espíritos do mal.<sup>1</sup> Estes eram abandonados pela própria família também por uma questão de sobrevivência, onde, diante da Terra hostil que precisava de constantes mudanças e lutas para sobreviver a deficiência só iria atrapalhar o desenvolvimento do grupo. Na Grécia, estavam sujeitas e eliminação, abandono ou até a atiradas do precipício. De acordo com Ângela Coronel da Rosa, as pessoas idealizavam o corpo perfeito de um homem e de uma mulher, como perfeitos, saudáveis e fortes, igualando-se ao corpo de deusas e deuses.<sup>2</sup> Em Esparta a criança com deficiência seria inútil para o exército, sendo assim era morta nos primeiros sinais. Na Roma, pelo o que diz Will Durant em sua obra “História da Civilização”, alguns relatos mostram que algumas famílias os colocavam as crianças deficientes em cestos enfeitados nos rios sagrados, onde os sobreviventes eram explorados em circos ou nas cidades por aqueles que viviam de esmola. Mais tarde, na mesma Roma aparece o Cristianismo pregando amor e combatendo entre tantas outras práticas, segundo Rosanne de Oliveira Maranhão (2005, p. 25):

*[...] baseava-se na caridade – virtude que tinha como base o sentimento de amor ao próximo, o perdão, a humildade e a benevolência – conteúdo este pregado por Jesus Cristo e que, cada vez mais, conquistava sobremaneira os desfavorecidos. Entre estes estavam aqueles que eram vítimas de doenças crônicas, defeitos físicos e mentais.*

Na Idade Média, momento dominado pelo poder da Igreja, a deficiência era vista como um castigo de Deus, “as ideias que envolviam as pessoas com deficiências eram impregnadas por concepções místicas, mágicas e misteriosas, de baixo padrão” (MARANHÃO, 2005, p. 25).

Na Idade Moderna, período marcado pelas novas ideias, Maria Aparecida Gugel (2007)relata que se passa a ter uma pequena preocupação com o bem-estar dos deficientes, o médico e matemático italiano Gerolamo Cardamo (1501-1576), inventou um código de sinais destinado a ensinar as pessoas surdas a ler e a escrever (GUGEL, 2007). John Bulwer (1614-1684) defendeu um método para ensinar leitura labial entre outros meios que chegassem a servi de auxílio para deficiências viver em sociedade. Entretanto, mesmo diante dessa valorização do homem, um número expressivo de pessoas com deficiência era obrigado a viver de esmolas, chegando mesmo à prática do furto, como meios de tentativa de sobrevivência (MARANHÃO, 2005,p.26).

Atualmente, além de contar com avanços científicos, contamos com a instituição de leis

<sup>1</sup> SILVA, Otto Marques da. A epopeia ignorada. São Paulo: CEPAS, 1986. p. 40-48.

<sup>2</sup> ROSA, Ângela Coronel Da. Educação inclusiva. Obra coletiva organizada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Editora Ibplex. p. 73-75.

que prezam pelo direito de todas as pessoas com deficiência, por exemplo, a lei aprovada pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo nº 186/2008, ratificada em 2008 e finalmente promulgada pelo Decreto Federal nº 6.949/2009, que diz:

*Art. 1º: Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.*

Se trata de uma constante necessidade de acabar com uma visão preconceituosa que se estende sobre pessoas com deficiência serem incapazes e proporcionar um espaço de ética e respeito, tendo em vista que nossas limitações não devem ser usadas como forma de medidas para nossas competências, direitos e deveres.

Sendo o trabalho de inclusão algo indispensável para um funcionamento realmente digno da sociedade, assim como muitas outras coisas é na escola que ela passa por seu estágio mais importante, não apenas para ensinar os deficientes mais para preparar todos os alunos para aceitar as diferenças de todos e respeitar. Fica mais uma vez para o professor uma tarefa nada fácil, principalmente nos dias de hoje, onde a tecnologia tem entrado cada vez mais na vida das pessoas de forma que chega a ser quase indispensável. A globalização abriu as portas para um mundo conectado, ao mesmo tempo que por motivo variados, passa a excluir aqueles que não podem ter acesso. Nas salas de aula se trata de um desafio ao docente competir com celulares, sendo necessário desenvolver aulas que tragam esses objetos para o lado útil da educação e em uma era onde as crianças em sua maioria já nascem ligadas a tecnologia essa necessidade de aprimoramento dos métodos se estende para aqueles que possuem deficiências. O objetivo desta primeira fase do trabalho é abrir os olhos dos mediadores para essa nova realidade e fazer com que se permitam utilizar destas novas ferramentas para trabalhar com aqueles que possuem limitações distintas.

Para este momento foi realizado uma pesquisa entre professores da rede pública e privada das escolas de ensino fundamental e Médio da cidade de Cuité, Paraíba, buscando informações sobre o espaço de trabalho, a preparação do docente, opiniões sobre o uso da dita “turma especial”, preocupações ou formas de incentivos dos gestores públicos para o trabalho de inclusão e de como a inclusão age sobre a sociedade.

Estranhamente onde mais esperava o resultado de um espaço organizado para a inclusão educacional, ou seja, nas escolas particulares devido o investimento feito por indivíduos independentes onde se espera uma qualidade de ensino completa, foi onde relataram a falta de material para esse tipo de prática. Já nas escolas públicas o lugar se apresentou com diversas ferramentas, começo de uma preocupação dos representantes públicos para a inclusão nas escolas. Em comum, relatam a tristeza de não se sentirem totalmente preparados para lidar com pessoas deficientes.

*“ É um trabalho que exige total dedicação a cada criança, preciso dividir os horários entre eles por ser a única encarregada de cuidar de todos e apesar de ter as ferramentas não fui preparada para utiliza-las, não é o tipo de coisa que se aprende em uma única cadeira da universidade. ”  
(Relato da professora ‘A’, da rede pública no ano de 2018.)*

Sobre a preocupação dos gestores:

*“ Pode-se dizer que ainda é uma coisa nova, mesmo sendo perceptível que tem uma preocupação ainda tem muito a ser melhorado. Principalmente na nossa preparação, sinto falta dos cursos preparatórios e de ter as condições*

*de ir para congressos ou qualquer outro incentivo. Não trazem para perto e não oferecem circunstâncias agradáveis para ir.”*  
(Relato do professor ‘B’, da rede pública do ano de 2018.)

No questionário ainda foi perguntado sobre a situação das crianças na escola, partindo só pressuposto de incluir uma “sala especial” apenas para os deficientes. Dois dos dez entrevistados relataram que assim seria melhor de lidar com a situação e não atrasaria o resto da turma. Os outros oito professores afirmaram que é uma medida antiquada que acentua a exclusão e preconceito, o certo seria a participação do aluno deficiente junto com todos os outros colegas e em um horário oposto a aula o aluno receber um tipo de reforço com uma atenção especial. Assim seria desenvolvido a tolerância respeito e melhoraria a qualidade de ensino.

Em um diálogo mais a frente, expliquei aos entrevistados sobre o rumo que a tecnologia está adotando dentro das instituições de ensino e o que eles achavam de incluir esses recursos para trabalhar a inclusão. Apresentei a proposta usar a tecnologia para estimular a aprendizagem e incluir deficientes, provocando uma inteiração de forma lúcida que contribuam para o seu desenvolvimento na coordenação motora, na paciência, atenção e tomadas de decisões. Mesmo tendo avisado que essas novas práticas não excluiriam os métodos antigos como atividade de massinhas ou pinturas, alguns dos profissionais demonstraram negação, vale ressaltar que foi justamente aqueles que já possuíam uma idade mais avançada e um maior tempo exercendo a profissão, quando perguntei o motivo, tratava-se ainda de uma falta de preparação e de um costume.

*“ Trabalho tradicionalmente a muito tempo e tem funcionado, não tenho mais tanta paciência para essas novidades e tenho dificuldades em trabalhar com coisas tecnológicas. Deixo isso para as novas gerações.”*  
(Relato do professor ‘C’ da rede privada do ano de 2018).

E quando o assunto foi levar isso para crianças com deficiências o mesmo profissional diz:

*“ Seria assumir uma responsabilidade que não posso pagar, as chances de quebrar são maiores e exige mais preparação, energia, melhor deixar com os novatos.”*  
(Relato do professor ‘C’ da rede privada do ano de 2018).

Em oposição a essa visão negativa onde o profissional permanece na sua zona de conforto ou por falta de preparação ou falta de vontade mesmo. Outros entrevistados disseram que o melhor jeito de ensinar é não fugir da realidade.

*“ Não adianta ter uma guerra contra o celular, então prefiro ter ele como aliado a educação, assim como outras tecnologias e fugir de rotina na salas de aula sempre ajuda a manter um ambiente agradável, dinâmico e com bons resultados.”*  
(Relato do professor ‘D’, da rede pública no ano de 2018)

E quando o assunto foi levar isso para crianças com deficiências:

*“A tecnologia engloba recursos, estratégias, visa uma autonomia maior, auxilia na independência. Livros em áudio, mesa digital, são recursos que deixas as aulas mais divertidas.”*  
(Relato do professor ‘D’, da rede pública no ano de 2018)

Tendo em vista a pesquisa, é intrigante o resultado daqueles professores que não querem sair da sua zona de conforto e mais ainda aqueles que sofrem por não ter um preparo maior para lidar com a educação inclusiva e como ela pode ser feita com meios tecnológicos. É preciso um investimento maior dos gestores para a área da educação e uma conscientização de que assim como as pessoas ditas “normais”, os deficientes estão dentro de um mesmo mundo globalizado e o contato com a tecnologia já é algo inevitável. Levaria a exclusão afasta-los dela.

Sendo assim tornar os recursos tecnológicos em fermentas de trabalho e preparação, juntamente com um corpo docente bem composto seria a melhor forma de encaixa e socializar todos, garantindo que a lei se cumpra e firmando uma sociedade justa e virtuosa.

## Referências

AMPID Associação Nacional dos Membros do Ministério Público de Defesa dos Direitos dos Idosos e Pessoas com Deficiências. Disponível em

[http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD\\_Historia.php](http://www.ampid.org.br/ampid/Artigos/PD_Historia.php) Acesso em 21 de Julho de 2018.

DICHER, Marilu. TREVISAM, Elisaide. **A JORNADA HISTÓRICA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: INCLUSÃO COMO EXERCÍCIO DO DIREITO À DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA**. Disponível em

<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=572f88dee7e2502b> Acesso dia 27 de Julho de 2018.

GoConqr. **Tecnologia na Educação e o Desafio da Inclusão** Disponível em

<https://www.goconqr.com/pt-BR/examtime/blog/tecnologia-e-educacao/> Acesso em 14 de Julho de 2018.

GUGEL, Maria Aparecida. **Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007.

MARANHÃO, Rosanne de Oliveira. **O portador de deficiência e o direito do trabalho**. São Paulo: LTR, 2005.

SILVA, Otto Marques da. **Epopéia ignorada**. Edição de Mídia. São Paulo: Editora Faster, 2009.

TERESA, Maria Eglér Mantoan. **Inclusão Escolar O que? Por quê? Como fazer?**

Disponível em <https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf?1473202907> Acesso dia 20 de Junho de 2018.